

## LUCIEN DONNAT: UMA VIDA BRILHANTE

Eunice Azevedo \*

A tarefa de reconstrução do caminho percorrido por Lucien Donnat ao longo dos seus 92 anos de vida revelou-se, inicialmente, um grande desafio, uma vez que a escassez de elementos relativos ao seu percurso aliava-se, frequentemente, à dispersão da informação existente.

Para a elaboração desta pequena biografia recorreu-se, então, não apenas a algumas obras e ferramentas de referência<sup>1</sup>, mas também a testemunhos de pessoas que conviveram de forma próxima com Lucien em diferentes alturas da sua vida. Foi fulcral, também, para desenhar este esboço de vida, o acesso aos álbuns pessoais de Ida Turner Donnat, esposa de Lucien, que ao longo de uma vida em comum registou neles os momentos mais significativos — pessoais e profissionais — da vida do artista. Nestes álbuns, onde a sensibilidade e inteligência de Ida Donnat é perfeitamente perceptível a cada nova página que se descobre com espanto, encontramos o registo da mais variada informação: desde acontecimentos de grande importância pessoal (como o seu casamento, o nascimento dos filhos e momentos de descontração em ambiente familiar), a marcos profissionais (entre os quais podemos encontrar importantes estreias da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, exposições, grandes projectos de decoração e condecorações oficiais). Descobrimos, também, uma faceta de Lucien que muito dificilmente encontraríamos nos livros sobre arte portuguesa do século XX, nas histórias de teatro ou nos periódicos da época. Neles encontramos um Lucien familiar a quem lhe era mais próximo; um Lucien que viveu muito, trabalhou muito, mas que nunca se esqueceu de se divertir e que, sem medo, se reinventou algumas vezes, sempre com sucesso, quando a vida assim lho exigiu.

É recordado, por amigos e familiares, como um homem atencioso, dono de uma sensibilidade extrema e animado, não apenas por uma grande vitalidade, mas também por um óptimo sentido de humor, no qual não se reconheciam quaisquer traços de malícia. De disposição contagiante, Donnat, sempre *charmant*, nutria um genuíno gosto pela vida e pelo convívio com os amigos.

Contam que, para Donnat, a amizade era um assunto sério, nunca a cultivando por circunstância ou interesse. Os amigos que fez manteve-os oferecendo-lhes sempre lealdade e tolerância. Tolerância, essa, que não se estendia à falta de rigor, de competência ou de brio no trabalho. Munido de todas estas características, Lucien, um perfeccionista por natureza, não reservava grande paciência para a falta de competência profissional, exigindo sempre a melhor prestação, não só de quem com ele trabalhava, mas também daqueles com quem se relacionava com maior proximidade. Todavia, mesmo nas horas de maior tempestuosidade, a sua cortesia natural acabava por transparecer. Podemos recordá-lo, seguramente, como um verdadeiro *gentleman*, tanto no trato, como no vestir.

Em qualquer fotografia sua é notório o cuidado e o requinte que marcavam a sua imagem: sempre impecavelmente bem vestido e adornado. Lucien aplicava no trajar o mesmo bom gosto e rigor com que

concebiam os seus projectos de decoração ou um figurino para um espectáculo. Longe de ser um mero exercício de futilidade, a imagem que cultivava era um produto da sua condição de esteta; condição, essa, que se manifestava transversalmente, tocando toda e qualquer actividade que empreendesse.

Lucien Donnât foi figurinista, cenógrafo, músico, compositor, decorador, *designer* e poeta. A extensa lista da sua actividade profissional — quer na área do teatro, quer na da decoração — constitui uma das maiores provas da sua polivalência enquanto artista. No entanto, a sua habilidade não se esgotou no trabalho, pois Donnât foi, também, um talentoso pianista que, segundo o próprio, poderia ter sido tão grande quanto o foi Arthur Rubinstein, tivessem os seus pais prestado a devida atenção à sua inclinação para a música quando Lucien era criança<sup>2</sup>.

### ENTRE PARIS E LISBOA: OS GOLDSTEIN

Antes de ser Donnât, Lucien nasceu Goldstein, em Pomponne, na província de Seine-en-Marne, a poucos quilómetros de Paris, no dia 14 de Junho de 1920. Os seus pais, Joseph e Germaine Goldstein, tinham já dois filhos — Roger e Ginette — ambos planeados, ao contrário de Lucien, como ele próprio revelou, numa entrevista concedida a Maria João Seixas, em 2002: “Eu fui um acidente, fruto com certeza de um momento de entusiasmo magnífico, mas não desejado em forma de filho”<sup>3</sup>.



Lucien, à esquerda, com sua mãe, Germaine, e irmã Ginette  
(Início dos anos 30)

Joseph Bernard Goldstein, de ascendência asquenazi, nasceu em Paris, em 1888, mas cresceu nos Estados-Unidos, uma vez que seu pai, Bernard Goldstein — avô de Lucien, de quem pouco se sabe para além da data de nascimento (1862) e falecimento (1894) — trabalhava para Thomas Edison, fazendo demonstrações das invenções deste último um pouco por todo o mundo, tarefa que se revelou fatal quando foi electrocutado. Joseph, filho único, na altura ainda uma criança, ficou ao encargo de sua mãe — Rosa Kaplan Goldstein, nascida perto de Kiev, em 1868 — e permaneceu nos Estados-Unidos, durante toda a sua infância e adolescência, até regressar a Paris, onde conheceu Germaine Benezra, com quem casou, em 1914.

Germaine tinha apenas 17 anos quando se casou com Joseph Goldstein. Nascida em Paris, em 1897, no seio de uma família abastada, uma vez que seu pai, o empresário Solomon Benezra, estava ligado à importação e exportação de algodão egípcio. Solomon, que nascera em Esmirna, em 1859, casou com Amélie d’Aubagna — nascida em 1856, em Bérnaix, nos Pirinéus franceses. O casal teve mais cinco filhos para além de Germaine, a mais velha, dois dos quais faleceram ainda na pequena infância.

Joseph e Germaine — acompanhados pela mãe de Joseph, Rosa — abandonaram Paris, pouco tempo após o casamento, quando rebentou a I Grande Guerra. O destino escolhido foi o Brasil, mais precisamente Erebangó, no Rio Grande do Sul, onde agarraram a oportunidade de exploração de uma das fazendas estabelecidas na região pelo Barão Maurice de Hirsch. Foi neste período de estabilidade económica que nasceu Roger, o primeiro filho do casal, em 1916. Apesar de Joseph ter vivido alguns dos seus melhores anos no cenário rural que Erebangó lhe proporcionava, Germaine, nascida e criada numa grande cidade, não se adaptou bem a esse estilo de vida e a família acabou por abandonar a fazenda. Partiram, então, para São Paulo, em 1917, onde Joseph se empregou num escritório e onde viveram até 1919, ano em que nasceu a segunda filha do casal, Ginette.

O fim do conflito mundial trouxe a família Goldstein de novo a Paris. Aconselhado pelo seu sogro, Solomon Benezra, Joseph investiu os ganhos reunidos durante os anos que passaram no Brasil numa empresa francesa de produção de automóveis, investimento que se revelou ruinoso. As condições de vida da família alteram-se drasticamente, uma vez que ambos os homens perderam avultadas quantias de dinheiro. Esta nova conjuntura, que forçou Germaine a trabalhar, poderá ter sido o motivo pelo qual Lucien nasceu próximo de Paris, e não na cidade propriamente dita, como se pensava.

Os Goldstein viveram cerca de sete anos com algumas dificuldades financeiras até que, em 1927, Joseph Goldstein — que aprendeu português durante os anos passados no Brasil — aceitou uma oferta de emprego, em Lisboa, no *Comptoir Paris-Congo*, trazendo consigo sua mulher, os seus três filhos e a sua mãe. Chegaram à capital de barco, em pleno mês de Agosto, para se instalarem numa casa alugada em Cascais. Uns meses depois, a família mudou-se para o coração da cidade de Lisboa, estabelecendo residência num apartamento, na Praça do Príncipe Real, perto da *École Française*, no Pátio do Tijolo, onde Lucien, então com 7 anos, ingressou no ensino, na companhia dos seus irmãos mais velhos.

Em 1931, após o fecho do escritório onde trabalhava, Joseph passa a desempenhar funções de direcção na *Agence Havas*, em Lisboa, uma agência francesa de informação que antecedeu a *Agence France Presse*. No ano seguinte, em 1932, o casal Goldstein comprou, por 220 mil escudos, a duas senhoras francesas, uma pequena pensão no número 32 da Rua das Janelas Verdes. O espaço, que ocupava apenas uma parte do antigo Convento dos Marianos, foi convertido em pensão por duas senhoras inglesas provenientes da região de Yorkshire, em 1880, que a baptizaram de York House. O estabelecimento passou por várias mãos, mantendo sempre a sua condição de pensão, até ser vendido pelas irmãs Chiron aos Goldstein, que procederam de imediato a melhoramentos. O que começou por ser uma pensão com poucas condições

— 26 quartos sem aquecimento, nem água canalizada e iluminação decente — e decoração pavorosa, transformou-se, ao longo dos anos, num pequeno hotel de charme, pela mão de Germaine Goldstein e sua irmã mais nova, Andrée-Mireille Benezra, com a ajuda de Lucien.

Os Goldstein e a sua pensão tiveram um papel crucial na ajuda a refugiados judeus e intelectuais antifascistas, após a ascensão de Hitler e durante toda a II Guerra Mundial. Ligada à resistência francesa — em especial Joseph, que veiculava informação para os Aliados —, a família de Lucien Donnat assegurava, em parte, o sucesso da evasão dos fugitivos em trânsito para os Estados-Unidos, albergando-os na York House — equipada entretanto com um rádio emissor e receptor, passagens ocultas e toda uma série de apetrechos dignos de uma verdadeira história de espionagem — e providenciando falsos documentos de identificação pessoal.

Vários melhoramentos foram feitos desde a compra da York House, em 1932, mas foi em 1940 — talvez pelo seu papel de refúgio durante a II Grande Guerra — que surgiram as intervenções mais significativas ao nível das canalizações, instalações eléctricas e pintura total da estrutura. Foi também por esta altura que a pensão voltou a expandir-se e que Lucien Donnat realizou a primeira de várias intervenções decorativas neste espaço. Um segundo edifício na Rua das Janelas Verdes — o número 47 — foi adquirido pela família Goldstein em 1966 e convertido também em pensão, tendo sido apresentado ao público em 1969, após um longo período de obras, com uma decoração de inspiração queirosiana inteiramente concebida por Lucien Donnat.

Quando, em 1934, Germaine Goldstein faleceu, vítima de uma apendicite, Andrée-Mireille tornou-se a força motriz da York House (função que desempenhou durante toda a sua vida), ajudando a construir a reputação de que o espaço goza actualmente. Andrée-Mireille tornou-se, também, Madame Goldstein, ao casar com o então viúvo Joseph, passando a ser “tia-mãe” de Donnat e seus irmãos. O desaparecimento de Germaine não foi um momento fácil para o jovem Lucien, que tinha apenas 14 anos e uma relação de proximidade muito grande com sua mãe, de quem herdou a sua sensibilidade artística.

## PARIS: OS ANOS FORMATIVOS

Quando concluiu os estudos em Lisboa, Lucien foi enviado para Paris, em 1936, juntamente com o seu irmão mais velho, Roger, para ingressar no ensino superior, ficando, para o efeito, alojado na casa dos seus avós maternos, Solomon e Amélie Benezra, residentes na rue Lapeyrière, situada em Montmartre, bairro conhecido pelos seus cabarés e vida nocturna.

Os anos passados em Paris foram complicados para Lucien, principalmente devido ao mau relacionamento que mantinha com o seu avô que não aprovava em nada a sua escolha de carreira. Solomon Benezra acreditava que Lucien não passaria de um artista esfomeado que nunca viria a ser alguém na vida, como se pode confirmar ao ler uma das passagens dos álbuns de Ida Turner, uma jovem anglo-americana, que conheceu era ainda um adolescente e com quem se casaria alguns anos mais tarde.

Após uma indecisão inicial entre a carreira de *pâtissier* — a cozinha era uma das paixões de Donnat — e decorador, Lucien ingressou, em 1937, na *École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs*, onde teve cadeiras como História da Arte, Desenho, Perspectiva, Composição e Arquitectura Decorativa, entre muitas outras. Não ingressou, como habitualmente se pensa, na *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts*, uma vez que um mau resultado a matemática o impediu de cursar Arquitectura.

Paralelamente aos seus estudos, Lucien deu uso a um talento que corria na família e que desenvolvera de forma natural desde muito cedo na vida: a música. Por esta altura, Lucien já compunha as suas próprias canções, cantava e tocava bem piano, pelo que decidiu actuar nas matinées dançantes de um cabaré para conseguir obter um rendimento extra, para além do pouco dinheiro que seu pai lhe enviava. Estreou-se, em Janeiro de 1938, no *Cabaret de La Cloche*, onde aparecia, ao piano, uma vez por semana, por 30 francos. Conseguiu, também, um lugar no célebre *Le Boeuf sur le Toit*, onde lhe pagavam ainda menos. Para conseguir aumentar o seu *argent de poche*, Lucien tocava, também, em eventos privados. Numa passagem retirada de um dos já referidos álbuns, datada desta altura, Lucien revela já aos dezoito anos uma grande força, coragem e determinação quando, recordando a sua estreia no *La Cloche*, escreve o seguinte: “Pour un début, c’est plutôt raté, mais mon courage, surtout ma volonté d’arriver en haut est toujours plus grande”<sup>4</sup>.



Cartão da Associação de Estudantes da École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs (1938)



Partitura de uma canção original de Lucien Donnat (década de 1930)

A verdadeira oportunidade como chansonnier chegou em Março de 1939, oferecida por Jacqueline Batell, dona do espaço *Le Petit Cabaret*. Foi Batell quem, para melhor promover o jovem Lucien, lhe sugeriu a mudança de apelido para um nome mais sonante — Donnât — já que havia semelhanças físicas entre o artista e Robert Donat, célebre estrela de cinema daquele tempo. Lucien assim o fez, adoptando-o primeiro como nome artístico e depois, uns anos mais tarde, como seu nome legal, sob o signo do qual fundou a sua própria família. Donnât começou, então, a ser anunciado nos jornais e o pagamento oferecido pelas suas actuações dobrou de valor, bem como a frequência das mesmas, passando também a tocar à noite, para além das *matinéés*.

Conjungando os estudos com a sua carreira de *chansonnier*, Donnât teve ainda disponibilidade, segundo Luiz Francisco Rebello<sup>5</sup>, para colaborar com alguns espectáculos de teatro universitário. Apesar de tanta actividade, manteve-se focado e prosseguiu com os estudos. Contudo, a sua família não aprovava o facto de ganhar a sua vida tocando e cantando nos cabarés parisienses, acreditando que Lucien se havia tornado num boémio sem futuro.



Lucien Donnât, um jovem *chansonnier*.

## DE REGRESSO A LISBOA: O ÍNICIO DE UMA LONGA CARREIRA

Lucien regressara a Portugal, para passar férias, no verão de 1939, quando se deu o início da II Guerra Mundial, impossibilitando o seu regresso à capital francesa. Estabeleceu-se, então, em Lisboa, onde rapidamente começou a trabalhar.

Ambicioso e carregado de talento, Donnât — que por uma ligeira deficiência cardíaca escapou ao serviço militar obrigatório — organizou, praticamente sozinho, um evento de beneficência para a Cruz Vermelha, em Abril de 1940. Este espectáculo, a revista *Franco-Anglaise*, teve lugar no Teatro da Trindade, em Lisboa, e no Teatro Rivoli, no Porto, tendo sido composta por duas partes, uma inglesa e outra francesa. Lucien, o único responsável pelo espectáculo francês, encenou, ensaiou, compôs a música, escreveu o texto, criou figurinos, representou, tocou e cantou. A sua revista, com um eco parisiense, fora constituída por 12 quadros e alvo de uma óptima recepção. Lucien foi reconhecido, por um periódico da época, como “o animador potente, inteligente e *charmeur*”<sup>6</sup> do espectáculo francês.

A 27 de Julho de 1940, Lucien ajudou Suzanne Chantal e Erico Braga a realizar um evento — em que participou como encenador, autor e figurinista — no Teatro do Pavilhão de Honra da Exposição Mundo Português. O espectáculo de gala *A noite das estrelas*, foi composto por uma série de actuações de vedetas internacionais, que se encontravam refugiadas em Portugal, bem como por uma revista da sua responsabilidade. No fim do espectáculo, Lucien recitou versos de sua autoria que evocavam algumas figuras históricas de Portugal e França.

Nesse mesmo ano de 1940, Lucien concebeu, juntamente com Amaral, 13 painéis de azulejos, executados pela Fábrica Sant’Anna, para a Exposição do Mundo Português. Estes painéis decorativos assumem a forma de medalhões delimitados por uma “cercadura em relevo ornamentada por frutos, flores e pombas. Na parte superior está sempre presente o escudo nacional, a esfera armilar e a Cruz de Cristo” (VARANDA 2001: s/p). Os azulejos, de uma dimensão considerável, apresentam cores vivas, mas conseguem, mesmo assim, manter uma certa subtilidade. A sua função primária era a promoção dos principais produtos de origem portuguesa, durante a já referida exposição, que vão desde o vinho à cortiça, passando pelas conservas de peixe, porcelanas, vidros e faianças, entre outros. Actualmente encontram-se na plataforma da estação ferroviária do Rossio, distribuídos ao longo de uma das suas paredes, onde podem ser apreciados pelo público desde 1958, ano em que foram doados pelo Fundo de Fomento de Exportação.

No início de 1941, Lucien continuou a trabalhar no mundo do espectáculo, embora de forma ainda esporádica, dirigindo, juntamente com a bailarina russa Vita Minc, um novo evento de beneficência, desta vez uma *matinée*, em Maio, no Casino do Estoril. Os fundos angariados pelo espectáculo — com encenação e figurinos seus — revertiam a favor da Liga dos Combatentes da Grande Guerra para ajudar as crianças atingidas pelo conflito.

Em Junho, Lucien conseguiu a sua primeira exposição a solo, no Estúdio do Secretariado de Propaganda Nacional, em São Pedro de Alcântara. Dividida em cinco categorias — decoração, pintura, retratos, desenhos e teatro — a exposição compôs-se por um total de 53 obras, a maior parte pertencente às áreas da decoração e do teatro. No geral, as críticas ao seu trabalho foram positivas, embora os seus retratos tenham sido apontados como as obras menos conseguidas, por não captarem a essência dos retratados, apesar de revelarem competência na técnica. Cottinelli Telmo, numa crítica à exposição, escreveu o seguinte: “Lucien Donnât é um artista novíssimo, cheio de interesse e de valor: os seus trabalhos, filtrados com o tempo pela inquietação que nele se adivinha, não-de o colocar, com a sua próxima exposição, no nível definitivo a que poucos ascendem — e na situação de elemento de quem não se prescinde”<sup>7</sup>.

Em Novembro, volta a expor o seu trabalho, na 6.ª Exposição de Arte Moderna, novamente no Estúdio do S.P.N, ao lado de nomes como Almada Negreiros, Carlos Botelho e Thomaz de Mello, com

uma obra de inspiração cubista onde retrata uma vista sobre a cidade de Olhão. Mas foi em Dezembro, no Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII), que Lucien teve a sua primeira grande oportunidade no mundo do espectáculo, iniciando uma duradoura parceria que apenas viria a terminar com a dissolução da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, em 1974.

Essa oportunidade surgiu com *Maria Rita*, uma peça infantil da autoria de Mariana Rey Monteiro, sob o pseudónimo Teresa Canto, que estreou a 21 de Dezembro de 1941, com cenários e figurinos coloridos de Lucien Donnát, igualmente responsável pela música e encenação do espectáculo. A crítica acolheu bem *Maria Rita*, louvando, principalmente, a realização plástica e composição musical, como podemos constatar ao ler os recortes que Ida Donnát fez de periódicos da altura, entre os quais seleccionamos o que se revelou mais significativo: “Se o poema infantil merece um louvor da crítica, a forma por que Lucien Donnát lhe deu musicalidade, o vestiu, o encenou e o movimentou, deve ter as honras de um aplauso muito especial [...]. *Maria Rita* recomenda-se pelo senso artístico e impecável bom gosto da sua realização cénica”.

Foi também por esta altura que Lucien estabeleceu o seu primeiro atelier, nas Janelas Verdes, junto à York House, recuperando, para o efeito, o antigo refeitório do Convento dos Marianos. Este espaço histórico, onde trabalhava e vivia, foi descrito por Suzanne Chantal, em 1944, para a revista *Panorama*, num artigo em que revela, também, a intensa actividade profissional do jovem artista, cujos esforços se dividiam entre a criação de roupa, ilustrações de livros, montagem de espectáculos, decoração de residências de luxo e composição de peças musicais. Chantal caracterizou o atelier — onde um luxo sóbrio, mas eclético, convivia em harmonia com a natureza monástica do espaço — como poderia caracterizar o próprio Lucien e todo o seu trabalho: “Tout est ordre et beauté!”<sup>8</sup>. Salienta, também a propósito do atelier, a sua “atmosfera de serena beleza, talvez um tudo nada grave, e da qual só sobressai a densidade, o equilíbrio nobre e forte. [...] E é somente, a pouco e pouco, que, naquilo que se julgou austero, começa a brilhar o ouro dos anjinhos bochechudos, dos paramentos antigos, das talhas de igreja. Um luxo surdo e quente ateia-se e cresce nas pregas ocas das folhas de acanto ou das colunas torsas, nas vestes das madonas, nos potes chineses.”<sup>9</sup>

Este atelier, fundado, ao que tudo indica, em 1942, não foi apenas o primeiro espaço de trabalho do jovem Lucien, como já aqui foi referido, mas foi, também, a primeira residência do casal Donnát, durante os primeiros meses de casamento. Foi aqui que Lucien concretizou vários projectos de decoração — como o da Nunciatura Apostólica, em Lisboa — mas também os cenários, figurinos e música para vários espectáculos, entre os quais *João Pateta* (1943) e *Electra e os fantasmas* (1943), duas produções da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, e *O rei* (1945), a única colaboração com Os Comediantes de Lisboa.

Em 1942, Donnát aliou-se a João Villaret para realizar um espectáculo de carnaval no TNDMII, a revista em um acto, *Diz-se por música*, estreada a 12 de Fevereiro, com música, cenários e figurinos de Donnát e encenação e autoria de texto partilhada com Villaret. Seguiu-se uma das primeiras revistas radiofónicas transmitidas pela Emissora Nacional, *Como nasce uma canção*, da autoria de Armando Vieira Pinto e João Villaret, com música de Donnát, que também a interpretou. Nesse mesmo ano, participou, também, a 15 de Agosto, num espectáculo de variedades no Casino do Estoril — novamente um evento de beneficência — *Allô! Allô! Aqui, Estoril...*, para o qual escreveu uma canção, tocou piano e cantou.

No ano seguinte, em 1943, Lucien volta a colaborar na produção de uma revista, *Margarida vai à fonte*, concebendo alguns dos cenários e figurinos para o espectáculo, que estreou no Teatro Avenida, a 13 de Agosto, com João Villaret e Laura Alves no elenco. Em 1944, criou cenários e figurinos para a apresentação no Teatro Nacional de S. Carlos da *História do Soldado*, de Stravinsky, um espectáculo coreografado por Francis Graça, que contou com a participação da Orquestra Sinfónica Nacional, sob a direcção do maestro Napoleone Annovazzi.

Em 1945, Lucien concebeu mais um projecto de decoração com alguma notoriedade — o café Restauração — e, no ano seguinte, realizou a sua única incursão pelo mundo do cinema, como director artístico do filme *Ladrão precisa-se*, de Jorge Brum do Canto. Desse mesmo ano data a sua última colaboração



O primeiro atelier de Lucien, nas Janelas Verdes.  
(1944)

conhecida no teatro de revista, com *A travessa da espera*, da autoria de Vasco Matos Sequeira e António Cruz e com direcção de Rosa Mateus. O espectáculo foi estreado a 8 de Fevereiro, no Teatro Maria Vitória, com a participação de Lucien Donnat na concepção de figurinos, ao lado de Maria Adelaide Lima Cruz e Laiert Neves.

Participou, em 1947, no Salão de Lisboa, uma exposição colectiva realizada na sala de exposições do Secretariado Nacional de Informação, no Palácio Foz, com um tríptico decorativo realizado a guache. Em Maio de '48, surgiu a oportunidade de expor novamente o seu trabalho e participou, com quatro obras, na *Exposition des Artistes Français Resident au Portugal*, promovida pelo Ministério do Trabalho Público e Transportes francês. Meses depois, em Setembro de 1948, na capela do Palácio de Queluz, Lucien casou com Ida Mary Turner, uma jornalista anglo-americana que trabalhou para o *Foreign Broadcast Intelligence Service*, em Washington e Nova Iorque, durante a II Grande Guerra, devido ao seu francês e espanhol fluentes.



24

Ida e Lucien junto ao TNDM II.  
(1946)

O casal Donnat no dia do seu casamento.  
(1948)



O casal Donnat começou, então, a constituir um lar, mudando-se para uma casa própria, alugada no último andar de um palacete no coração da Mouraria, que Lucien decorou por inteiro. Ao abandonar a sua casa-*atelier* nas Janelas Verdes, Donnat instalou o seu novo *atelier* num espaço do final do séc. XVIII, com pavimento e cantarias originais, situado no Largo Trindade Coelho, próximo da rua de São Pedro de Alcântara. Este espaço quente e acolhedor tornou-se, ao longo dos anos, num refúgio que apenas abandonou no fim da vida. Segundo o próprio Lucien, este era um espaço sem decoração, ainda mais eclético que o primeiro *atelier*, povoado de objectos que colecionava, obras de arte, fotografias, recordações, plantas, livros, maquetes, croquis e tudo aquilo inerente à sua actividade. Havia, também, no meio da profusão cintilante de espelhos e dourados, um piano, tal como no *atelier* das Janelas Verdes, já que a música constituía um complemento da sua vida; a sua companhia de horas vagas, com um efeito tranquilizador. O *atelier* era composto por duas salas: um salão principal, junto à porta, e uma área de trabalho, numa segunda sala, cujo acesso se fazia pela primeira. Ainda hoje, apesar de já não estar activo, quem por lá passa pode ainda reparar numa sóbria e elegante placa: Lucien Donnat — Decorador.



25

Imagens do interior do seu atelier  
no Largo Trindade Coelho.



Duas novas oportunidades para expor o seu trabalho chegaram em 1949, ano em que participou no 1.º Salão Nacional de Artes Decorativas e na 3.ª Exposição de Arte Moderna, ambas no Palácio da Foz. Salienta-se, também, nesse mesmo ano, a recepção de um convite, na qualidade de director artístico do TNDMII, para o 3.º Festival de Avignon. Em Fevereiro desse mesmo ano, Donnát assumiu a co-autoria do espectáculo de Carnaval no TNDMII, *Divertimento musical de 1949*, juntamente com Francisco Mata e José Augusto, para o qual também compôs a música.

Em 1950, mais precisamente a 30 de Agosto, a família Donnát acolheu um novo membro, Gil Germain, o primeiro filho do casal. Gil, que viria a crescer para ser arquitecto com uma sólida carreira em São Paulo, fez os seus estudos em Paris, tal como seu pai, mas para grande desgosto de Lucien e sua mulher, faleceu muito novo, em 1991.

Em Dezembro de 1952, Lucien participou na organização de um evento na Embaixada de França em Lisboa — um dos seus projectos de decoração — integrando a comissão técnica da apresentação da coleção de Christian Dior. No ano seguinte, em Janeiro, colabora na estreia absoluta em Portugal, no Teatro Nacional de S. Carlos, de uma ópera em três actos de W.A. Mozart, *O rapto no serralho*, para a qual concebeu cenários e figurinos.

Em 1956, realizou a decoração de um serviço da Vista Alegre criado especialmente para a recepção da Rainha Isabel II e utilizado num banquete oferecido em honra da monarca britânica, durante a sua visita a Portugal, em Fevereiro de 1957. Em 1957, Lucien concebeu a decoração das novas instalações da Casa de Portugal — *Office de Propagande Commerciale et de Tourisme*, em Paris, projecto no qual colaboraram, também, Carlos Botelho e Jorge Barradas. A 15 de Junho de 1958, a família Donnát volta a aumentar, com o nascimento da segunda e última filha do casal, Caroline.

Um dos seus grandes projectos de decoração, o Hotel Ritz, em Lisboa, foi apresentado ao público em 1959. O projecto do hotel, da autoria de Porfírio Pardal Monteiro, surgiu em 1952, e concretizou-se por meio de uma sociedade constituída especialmente para a construção da unidade hoteleira, tendo como investidores vários empresários, entre os quais Ricardo Espírito Santo. A decoração do Ritz, seguindo uma lógica de mecenato, foi também realizada por vários decoradores e *designers* portugueses, como Eduardo Anahory, José Espinho, Carlos Ribeiro, Conde de Lencastre, Manuel Rodrigues e Matos Chaves, que se encarregaram da decoração dos quartos. Mas para as áreas de acesso público, como o *lobby*, o Salão Almada Negreiros ou o Restaurante Varanda, foram contratados os serviços de um grande decorador francês, Henri Samuel, que escolheu Lucien Donnát para gerir o seu projecto *in loco*, uma vez que Samuel permaneceu em Paris. Esta circunstância contribuiu, em muito, para o facto de Donnát ter “executado grande parte das soluções finais, assegurando sozinho a decoração de outros espaços [...] e projecto de vários quartos” (CARITA 2000: 58), para os quais chegou a conceber peças de mobiliário e iluminação.

Presume-se que terá sido durante a década de 1960, que Lucien foi condecorado com a Comenda da Academia de Artes, Ciências e Letras de Paris, bem como a inauguração, em Lisboa, de mais um projecto de decoração com alguma notoriedade: o Instituto de Beleza Harriet Hubbard Ayer, situado, ainda hoje, nas imediações da Avenida da Liberdade.

Foi durante esta década, também, mais precisamente em Dezembro de 1964, que um desastre reduziu a cinzas o TNDMII e deixou a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro sem espaço. Contudo, Amélia Rey Colaço não se resignou e transferiu a sua companhia para o Teatro Avenida, que não apresentava as condições necessárias para acolher devidamente a companhia do Nacional, pelo que foram feitas grandes obras de remodelação, dirigidas por Lucien Donnát. A nova decoração do Avenida, feita em tons quentes



Ida, Gil e Caroline Donnát.  
(década de 1960)



Lucien Donnát nos bastidores do TNDM II  
(década de 1965)

de dourado e vermelho, foi revelada a 6 de Fevereiro de 1965, com a estreia do espectáculo *Motim*, de Miguel Franco, proibido pela censura dias depois. O espaço, outrora velho e sujo, apresentou-se quase irreconhecível ao público, após a intervenção de Donnat, que se inseriu perfeitamente no estilo do edifício, como era habitual no seu trabalho de decoração. Lucien deu à sala uma nova iluminação, feita por lustres e candelabros sumptuosos — alguns deles resgatados dos escombros do TNDMII —, bem como um novo ar, com sanefas e reposteiros a adornarem a sala de espectáculo, evocando o estilo *belle époque*.

Também este espaço acabou por sucumbir, infelizmente, num incêndio, em 1967. Lucien, certamente ainda traumatizado pela perda de todos os pertences da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro no incêndio do Teatro Nacional, arriscou entrar no edifício em chamas, na ânsia de resgatar o que quer que fosse, saindo praticamente ileso, carregando nos braços chamuscados alguns objectos reunidos à pressa. Por esta altura, Lucien dedicou-se ao projecto de decoração da Quinta dos Pesos, em Caparide, propriedade do então presidente da SONAP (Sociedade Nacional de Petróleo, a génese da GALP), o galego Manuel Cordo Boullosa. Foi atribuída a Lucien Donnat uma segunda condecoração, em 1973, vinda novamente do seu país natal, tendo sido nomeado Cavaleiro da Ordem de Artes e Letras de França. Em 1974, Lucien aventurou-se em Luanda, envolvendo-se de raiz no projecto do Hotel Panorama, que se arrastou durante algum tempo.

É frequente ler-se que Donnat abandonou o país em 1974, devido ao 25 de Abril, mas esse é um facto incorrecto, visto que apenas partiu para o Brasil em 1978, motivado pela escassez de trabalho na sua área. A decoração de luxo não era propriamente uma prioridade nos anos que se seguiram à Revolução e muitos dos seus clientes — habituais e potenciais — foram presos ou abandonaram o país. O fim da actividade da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, em 1974, também deverá ter contribuído, certamente, para a escassez de oportunidades de trabalho.

Pouco se sabe dos anos que Donnat passou no Brasil, na companhia do seu filho Gil, mas é certo que terá recomeçado a sua carreira do zero, construindo, ao longo de doze anos, uma sólida reputação na área da decoração de interiores. Realizou trabalhos em vários países — Lucien trabalhava regularmente entre São Paulo, Buenos Aires e Nova Iorque —, entre os quais destacamos a casa do governador do estado de São Paulo e um pequeno hotel de luxo em Buenos Aires. Sabe-se, também, que, apesar das dificuldades, Lucien nunca permitiu que o seu *atelier* de Lisboa fosse fechado, mantendo-o aberto durante os anos que passou no estrangeiro com a preciosa ajuda de António, o seu braço direito durante mais de quatro décadas.

Lucien regressou definitivamente a Portugal em 1990, quando lhe foi oferecida uma proposta de decoração de uma unidade hoteleira. Esteve envolvido, em 1992, no projecto de reabilitação do palacete da Lapa para a instalação de um hotel, trabalhando apenas em algumas salas. Foi da sua responsabilidade, também, a intervenção em algumas zonas do Hotel Avenida Palace, por ocasião do seu centenário, em 1992. Este espaço voltou a ser alterado em 1998, numa parceria com o artista plástico João Chichorro, ao ser introduzido no tecto do átrio do hotel um grande vitral.

Foi apenas em 1994 que o país que Lucien Donnat escolheu para viver lhe prestou o devido reconhecimento pelo seu trabalho ao torná-lo Comendador da Ordem do Mérito. Nesse mesmo ano, Lucien, afastado do palco há duas décadas, colaborou pela última vez num espectáculo de teatro, quando, a convite da Comuna, concebeu os cenários e figurinos para *A senhora Klein*. Uns anos mais tarde, em Abril de 2000, Lucien perdeu a sua companheira de vida, Ida Mary Turner Donnat, experienciando uma vez mais a perda de um familiar querido.

Várias são as criações de Lucien cuja data de concretização se desconhece ao certo, entre elas os painéis de azulejos que adornam parte da fachada da Pelaria Pampas — inaugurada na década de 1940, na Rua da Conceição, em Lisboa —, decorada com figuras equestres, num fundo cor de barro, rodeadas de motivos alusivos à América do Sul. Realizou, também, ao longo da sua carreira, inúmeras residências privadas, entre as quais destacamos apenas as das famílias Champalimaud, Mello, Dias da Cunha e Vinhas. Donnat decorou, também, os escritórios da Bertrand, situados na Venda Nova, a sala do conselho de administração do Banco de Portugal, a Embaixada de Itália em Lisboa, mas a sua grande obra talvez tenha sido as várias intervenções realizadas no Hotel Palácio do Estoril, que foram, ao longo de mais de cinco décadas, da responsabilidade exclusiva de Lucien. Recentemente, os responsáveis por este belíssimo hotel prestaram uma homenagem ao seu arquitecto de interiores, ao baptizar uma das salas do hotel com o seu nome.

## O TNDM II E A COMPANHIA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

É inegável que a Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro tenha tido tanta importância na carreira de Lucien quanto este último teve na construção da estética pela qual se pautaram as apresentações da companhia durante os 33 anos em que trabalharam em conjunto.

Dos quase 150 espectáculos em que Donnat aplicou o seu condão, apenas 6 não foram fruto da prolífica parceria com Amélia Rey Colaço, com quem revelou ter uma ligação fora do comum, de natureza quase filial, alimentada, não apenas por uma paixão partilhada pelo teatro, mas também pelas raízes francesas que ambos possuíam. Nutriam um pelo outro muito respeito, carinho e admiração, bases sólidas para uma sintonia que deu ao teatro português do século XX alguns dos seus marcos mais significativos. Entre estes destacam-se aqui espectáculos, para os quais concebeu cenários e figurinos magníficos, como *Electra* e os fantasmas (1943), de Eugene O'Neill; *O leque de Lady Windermere* (1944), de Oscar Wilde; *Othello* (1945), de Shakespeare; *Os Maias* (1945), adaptação da obra queirosiana; *Antígona* (1946), de Sófocles; *Tá-Mar* (1955), de Alfredo Cortez; *Romeu e Julieta* (1961) e *Macbeth* (1964), de Shakespeare; *O rei está a morrer* (1970), de Eugène Ionesco e *Calígula* (1972), de Albert Camus.

Dos sumptuosos e complexos interiores e figurinos d'*Os Maias* à modéstia dos cenários de *Tá-Mar*, Lucien conseguia sempre captar a época dos textos cujo ambiente recriava em cena com a maior minúcia. Apesar da controvérsia em redor de alguns dos espectáculos da companhia, o trabalho de Donnat parecia escapar sempre às críticas negativas, sendo frequentemente considerado como um ponto alto no espectáculo. Tomemos como exemplo *Electra e os fantasmas*, que suscitou, entre a crítica, opiniões muito díspares, mas um consenso geral em relação à qualidade da realização plástica de Donnat.

Apesar dos magníficos trabalhos de decoração que Lucien foi realizando ao longo da sua vida, é seguro afirmar-se que foi o teatro que deu a Lucien a grande oportunidade de exercer em pleno todas as suas faculdades criativas. Foi através dele que várias gerações tomaram contacto com a sua sensibilidade artística, o seu bom gosto, o rigor e o perfeccionismo que o seu talento imprimia na criação dos universos cénicos da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

O TNDMII prestou homenagem ao seu cenógrafo, a 22 de Janeiro de 2013, comemorando a sua obra com o descerramento de uma placa com o seu nome no Salão Nobre. Donnat viria a falecer, poucos dias depois, a 26 desse mesmo mês, de complicações cardio-respiratórias.

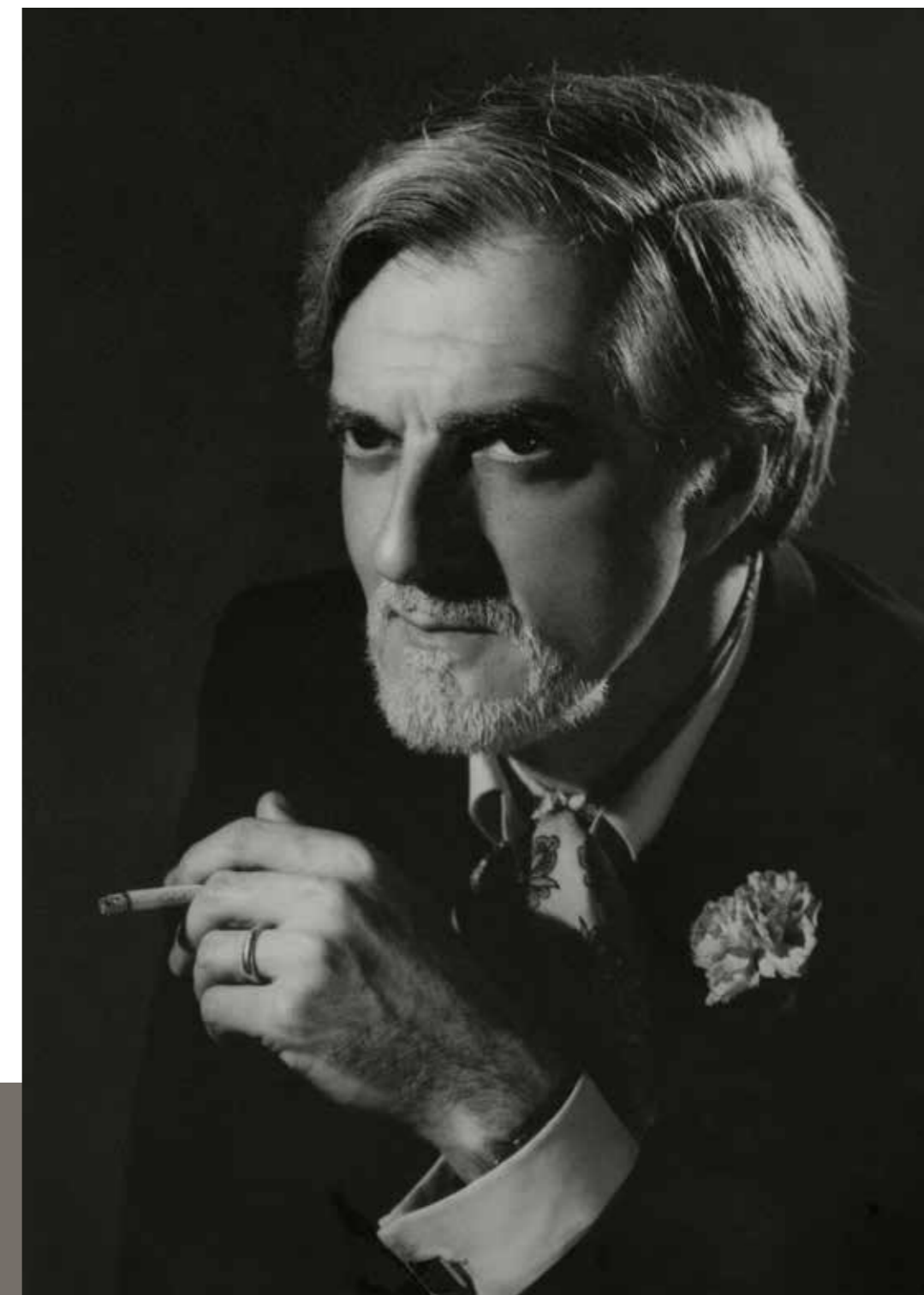
## OS ÚLTIMOS ANOS

Lucien passou a última fase da sua vida no Convento dos Cardaes, em Lisboa, onde, apesar da sua saúde debilitada, nunca deixou de trabalhar, nem mesmo quando os seus olhos já o atraíam ou as mãos já não apresentavam a destreza de outros tempos.

As peças de mobiliário que criou para o convento estão muito longe do complexo estilo Luís XIV com que decorava os eventos que organizava e as residências privadas que embelezava ou das linhas clássicas com um toque moderno do luxuoso hotel Ritz. São peças sóbrias, quase minimalistas, concebidas com contenção de ornamentos e com base numa lógica de aproveitamento de materiais, que se inserem perfeitamente na essência e estética do espaço, podendo ser encontradas em vários locais do convento como a entrada, a loja e biblioteca. É na capela do convento que podemos adivinhar a forma como a sua experiência enquanto homem do teatro contaminou a sua sensibilidade de decorador, uma vez que Donnatt concebeu a iluminação artificial daquele espaço com um resultado tão natural que é quase imperceptível.

A marca da mão de Donnatt pode ser identificada assim que entramos no convento, quando nos deparamos com a guarda que concebeu para proteger a recepção do exterior. É uma peça cuja funcionalidade se alia perfeitamente com a sua beleza discreta, de linhas clássicas. Esta elegante estrutura foi construída em vidro de tom acastanhado, com o logotipo do convento em dourado.

Ao tomarmos contacto com a sua vida e obra, constatamos que parece não ter havido, no panorama artístico do século XX português, um ser tão completo e com tanta actividade em diversas áreas quanto Lucien Donnatt, pelo que a ausência, até agora, de uma iniciativa que homenageie e divulgue o seu legado é surpreendente. A sua história é uma narrativa de determinação, trabalho, ambição e coragem; de entrega total aos seus objectivos, por mais duro que o caminho se adivinhasse. Donnatt, que nunca se vergou perante as adversidades da vida, costumava lembrar que devemos todos almejar a perfeição, porque Deus está nos detalhes. Lucien também.



Lucien Donnatt

\* – Eunice Tudela de Azevedo (Lisboa, 1988) é Mestre em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e colaboradora do Centro de Estudos de Teatro (CET), onde contribuiu para o desenvolvimento do projecto CETbase e para a construção de uma base temática sobre teatro em Portugal — uma parceria entre o CET e o Instituto Camões — ao abrigo de uma bolsa de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). É membro, desde 2013, da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro (APCT). Prepara, actualmente, o Doutoramento em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

1 – Vide CETbase (<http://www3.fl.ul.pt/CETbase/>) e OPSIS (<http://opsis.fl.ul.pt/>).

2 – 2 SEIXAS, Maria João, “A providência foi maravilhosa comigo. Sou um homem...demasiado dotado” in *Revista Pública*, Outubro 2002, p.36.

3 – *ibid.*

4 – “Para uma estreia, foi bastante falhada, mas a minha coragem e sobretudo a minha vontade de chegar ao topo é cada vez maior.”

5 – Cf. REBELLO, 1970.

6 – Recorte de um periódico desconhecido proveniente de um dos álbuns de Ida Turner.

7 – Recorte de um periódico desconhecido proveniente de um dos álbuns de Ida Turner.

8 – “Tudo é ordem e beleza!”

9 – Cf. CHANTAL 1944: s/p.

\_\_\_\_\_ (1946b). “*Antígona*, no Teatro Nacional” in *Diário de Lisboa*, 21 de Abril, pp. 2, 4, 5.

R. (1941). “*Maria Rita*, no Nacional” in *Diário de Lisboa*, 22 de Dezembro, p. 3. REBELLO, Luiz Francisco (1970). *Dicionário do Teatro Português*. Lisboa: Prelo. SALVADOR, Fernando (2001). *Lucien Donnat: um percurso*. Amadora: Escola Superior de Teatro e Cinema.

SANTOS, Vítor Pavão dos (2000). *Verde Gaio. Uma Companhia Portuguesa de Bailado (1940-1950)*. Lisboa: Museu Nacional do Teatro.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949). *Vinte anos no TNDMII, 1929-1949*. Lisboa: Tip. Freitas Brito, LDA.

\_\_\_\_\_ (1955). *História do Teatro Nacional D. Maria II: Publicação comemorativa do centenário 1846-1946*, 2.ª vol. Lisboa: Oficinas Gráficas de Ramos, Afonso & Moita.

SEIXAS, Maria João (2002). “A providência foi maravilhosa comigo. Sou um homem...demasiado dotado” in *Revista Pública*, Outubro 2002, pp. 32-39.

VARANDA, Paulo (2001). *Estação do Rossio*. Coleção Lisboa Porta a Porta, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Álbuns pessoais de Ida Turner Donnat, cedidos por Cláudia Villa-Lobos.

## BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, José Carlos (coord.) (2005). *Museu Nacional do Teatro — Roteiro*. Lisboa: IPM.

Anon. (1941). *Exposição de Lucien Donnat*. Secretariado de Propaganda Nacional. Lisboa: Editorial Império.

\_\_\_\_\_ (1947). *Salão de Lisboa: pintura, escultura, aguarela, gouache e desenho*. Lisboa: Secretariado Nacional de Informação.

\_\_\_\_\_ (1949). *1.º Salão Nacional de Artes Decorativas no Palácio Foz*. Lisboa: Secretariado Nacional de Informação.

\_\_\_\_\_ (1964). “O Teatro Nacional devorado pelo fogo” in *Diário de Lisboa*, 2 de Dezembro, pp. 1, 17, 18.

\_\_\_\_\_ (1965). “O Motim, no Avenida” in *Diário de Lisboa*, 7 de Fevereiro, p. 5.

BASTO, Fernanda Pinto (1990). “Artes decorativas: anos 50 no Hotel Ritz de Lisboa” in *Voga Decoração*, n.º 1 (maio-outubro), pp. 30-44.

CARITA, Hélder (2000). *Ritz: quatro décadas de Lisboa*. Lisboa: Hotel Ritz, SA.

CARVALHO, Teresa (1997). “York House: um privilégio em Lisboa” in *Volta ao mundo*, Outubro, pp. 154-158.

CHANTAL, Suzanne (1944). “A casa do artista Lucien Donnat” in *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, n.º 21.

COELHO, Alexandra Prado et. al. (2013). “Lucien Donnat: a morte de um homem demasiado dotado” in *Público*, 27 de Janeiro.

GUADALUPE, Maria (1992) “O mundo de Lucien Donnat” in *Revista T.O.M.*, pp. 22-25.

GUEDES, Rui (1995). *Interiores*. Lisboa: Editora Bertrand.

N. L. (1943). “*João Pateta*, no Nacional” in *Diário de Lisboa*, 26 de Dezembro, p. 2.

\_\_\_\_\_ (1946a). “*Travessa da Espera*, no Maria Vitória” in *Diário de Lisboa*, 9 de Fevereiro, p. 8.